Capítulo XIV — Continuação do precedente

Embora a pintura se tenha prestado com demasiada frequência, desde o começo da Renascença, a secundar o sensualismo pagão, cumpre reconhecer que só a contragosto se afastava da religião. A escola fundada por Fra Bartolomeo e pelo B. Angélico lutou longamente contra a invasão e obteve magníficos êxitos. Não se pode dizer o mesmo da escultura.

Mal foi inaugurado o culto do paganismo, os escultores e seus patronos se deixaram levar por um fanatismo, e quase por um delírio, incrível pelos modelos antigos. Primeiro, não se pouparam despesas nem trabalhos para descobrir as estátuas das divindades do Olimpo e dos grandes homens da antiguidade: as escavações foram coroadas de êxito. Enquanto os séculos cristãos reservavam o seu entusiasmo para a descoberta de algum mártir célebre e o seu ouro para erguer templos aos heróis da fé, viu-se, ó tempos! ó costumes!, o entusiasmo, reservado unicamente aos deuses da fábula, manifestar-se por festas e regozijos públicos, e o ouro cristão consagrado a construir palácios suntuosos para alojar as divindades e os homens do paganismo. Achava-se uma estátua de Vênus, de Júpiter, de um Sátiro, que digo, uma estátua!, um fragmento de estátua, um braço, um pé, um torso, uma mão, um nariz: logo se teriam visto as academias reunir-se e, com extrema seriedade, ordenar investigações. Comentários apareciam de todas as partes, e cidades inteiras, percorridas em todos os sentidos pelos amadores, passavam da agitação à alegria, como se a descoberta desses objetos tivesse assegurado a salvação da república. Em seguida essas estátuas dos deuses e dos homens do paganismo, as inscrições, os vasos, as urnas, os túmulos e os monumentos de todo gênero iam povoar não somente os museus (o que era permitido e, até certo ponto, digno de elogios), mas os palácios e as casas.

Pelo que se passava na própria Roma, julgue-se o que se fazia alhures. Um dia anuncia-se que operários acabam de achar, nas imediações das Sete Salas, um grupo de mármore de admirável cinzel grego. À notícia, os artistas e os sábios acorrem aos jardins de Tito. Reconheceram o Laocoonte, tal como Plínio o descreveu: o entusiasmo está no auge. À noite todos os sinos das igrejas tocam para anunciar a feliz descoberta. Os poetas não dormem de noite; preparam, para saudar a volta da obra-prima antiga à luz, sonetos, hinos, canzoni: no dia seguinte, Roma inteira está em festa. A estátua, enfeitada de flores e verdura, atravessa a cidade ao som da música; as damas estão às janelas, aplaudindo; os sacerdotes, alinhados em alas, descobrem-se à vista da obra-prima; todo o povo está nas ruas, acompanhando com seus cantos alegres o Laocoonte, que fez a sua entrada triunfal no Capitólio.

Posta a estátua sobre o seu pedestal, Júlio II retira-se aos seus aposentos, e então começa uma nova festa em que o cardeal Sadoleto, com a cabeça coroada de hera, canta o feliz acontecimento numa ode que todos os humanistas sabem de cor.[1] À noite Sadoleto achou no seu quarto um belo

manuscrito de Platão: era um presente do papa. Quanto a Félix de Fredis, que descobrira a preciosa estátua, o sumo pontífice deu-lhe parte das rendas da gabela da porta de São João de Latrão e o nomeou-o notário apostólico.[2] Será preciso acrescentar que os partidários fanáticos da Renascença abusaram da maneira mais estranha desses encorajamentos pontifícios?

Com efeito, por temor de que o povo fosse privado da vista dos castos objetos cujas escavações traziam a descoberta, expuseram-nos nas encruzilhadas e nas praças públicas; puseram-nos nas fachadas dos palácios e das casas, ali onde a piedade dos antigos cristãos colocava o augusto sinal da cruz e as imagens dos santos. Mas, por um lado, esses destroços da superstição pagã não deixavam de ser muito caros e poucos podiam obtê-los; por outro, não havia homem honrado, nem família abastada, que não quisesse tê-los.

Assim, como se haviam traduzido em língua vulgar, no interesse do povo, as obras mais obscenas da antiguidade, os escultores cristãos reproduziram à porfia as antigas estátuas de todos os deuses e de todas as deusas do Olimpo, uns em mármore e bronze, outros em terracota, gesso e pedra. Os gravadores multiplicaram-nas ao infinito e muitas vezes até acrescentaram à obscenidade do modelo. Por esse meio, todas as infâmias mitológicas tornaram-se tão comuns que todo cristão, por pobre que fosse, viu-se em condições de obter, em vez dos retratos de Nosso Senhor e da santa Virgem, a gravura ou a estátua de Júpiter, de Vênus, de Cupido, de Diana e das demais.

Foi então que o sensualismo, derramando-se às bordas cheias do cinzel do escultor, do buril do gravador como do pincel do pintor, inundou com as suas ondas impuras toda a Europa cristã. Dos palácios, onde haviam tomado o lugar do Salvador, de Maria, dos mártires e dos santos, Júpiter, Juno, Apolo, Vênus, as Graças, as Ninfas, os Sátiros, os deuses e os semideuses desceram em triunfo às praças das cidades, ornaram as fontes, povoaram os passeios públicos e embelezaram os parques e jardins das vilas, dando a todos, e a toda hora, as mais eloquentes lições de lubricidade. A própria criança achou no lar doméstico, ou ao menos não pôde sair dele sem encontrar, imagens que, manchando-lhe a jovem imaginação, inclinavam o seu coração para a terra e os sentidos: menos feliz que a criança da Idade Média que, na casa paterna, como nas ruas das cidades ou à beira dos caminhos, estava certa de encontrar as santas imagens, as ingênuas estátuas de Jesus e de sua Mãe ou dos antigos padroeiros da Europa católica. Compreende-se quanto essa contínua visão do mundo superior, pregando o mais elevado espiritualismo, enobrecia o coração e encorajava a virtude.

Contudo, não bastava ao sensualismo pagão ter conspurcado os lugares e edifícios profanos: ousou penetrar até nos templos do verdadeiro Deus. Os túmulos, que até então a piedade dos antigos artistas embelezara com figuras, emblemas e ornamentos cristãos, começaram a ser edificados ao gosto pagão. Estátuas indecentes representaram neles as virtudes cristãs. No princípio o escândalo foi levado tão longe que, em vez de honrar a memória dos mortos, as figuras eram muito mais próprias para excitar as paixões dos vivos, e foi preciso mais tarde cobri-las com uma veste de bronze. Em seguida fizeram desaparecer dos mausoléus todos os emblemas cristãos, para substituí-los por emblemas ou pagãos ou profanos. De sorte que, não fosse o templo em que estão postos, muito menos para embelezá-lo do que para conspurcá-lo, nada nesses monumentos poderia fazer reconhecer túmulos cristãos.

Outras vezes, o que não é menos sacrílego embora mais ridículo, fez-se uma mistura bizarra do cristianismo e do paganismo. A Religião e o Tempo, a Esperança e o Amor, acolados juntos, cada qual com os seus atributos cristãos ou mitológicos, fizeram dos mausoléus um não sei quê que não tem nome. Entre milhares de exemplos, citarei o túmulo do Delfim, posto no meio do coro da metrópole de Sens. Mas, haja ou não mistura nos túmulos como nos retábulos dos altares ou alhures, todas as figuras são executadas segundo o tipo pagão. Os Gênios tornam-se os Anjos; Diana, a santa Virgem; Endimião ou Apolo, Nosso Senhor e os santos; César e Netuno, Moisés; os filósofos, são José e os profetas.

Digamos contudo, para ser justo, que a escultura, como a pintura, conservou algo de cristão, mesmo depois da invasão geral do paganismo; mas a arquitetura, nada. Desde o começo do século XVI afastou-se completamente do tipo cristão. A partir dessa época, a opinião pública declarou que não somente os palácios, as casas, os teatros e todos os edifícios profanos, mas ainda as igrejas, deviam ser construídos no estilo grego e romano. O que era diametralmente contrário ao uso constante da Igreja. É verdade que, quando os cristãos de outrora não tinham nem os recursos nem o tempo necessários para construir uma igreja, serviam-se, para adorar o verdadeiro Deus, dos templos das falsas divindades, depois de purificá-los e despojá-los de todos os vestígios da idolatria. Mas, quando lhes foi dado construir igrejas novas, jamais um arquiteto cristão tomou por modelo um templo pagão. Assim, da inspeção dos monumentos cristãos que nos restam ressalta este fato incontestável: que desde a origem da Igreja até o século XVI nenhuma igreja nova foi construída no estilo pagão.

Não se atribua isso nem à falta de dinheiro, nem à falta de modelos. De um lado, mal os Césares se tornaram cristãos, não pouparam despesa alguma para dar à religião templos magníficos; de outro, os mais célebres templos pagãos da Grécia e da Itália subsistiam ainda em toda a sua integridade. Mas os arquitetos cristãos os desdenharam com razão; pois achavam o estilo pagão impróprio para o culto e contrário ao gênio católico. Sob o nome de arquitetura bizantina estabeleceu-se, pois, uma nova maneira de construir igrejas. De Constantinopla, onde nascera, passou ao Ocidente. Modificada pelo estudo aprofundado das relações da arte e da fé, auxiliada sobretudo pelos conselhos dos bispos, que examinavam com cuidado a planta dos novos edifícios, que muitas vezes eles mesmos a davam, essa arquitetura chegou, sob o nome de arquitetura gótica, ao mais alto grau de perfeição. Devem-se-lhe essas imensas, essas magníficas, essas espantosas catedrais da França, da Inglaterra e da Alemanha, onde a elegância, a graça, a riqueza, a brilhante variedade das formas se reúnem à majestade do conjunto e fazem resplandecer em todo o brilho da sua glória o gênio da fé que as inspirou.

Mas, quando no fim do século XV se começou a repetir que as obras dos pagãos eram o tipo do belo em todo gênero, não somente nas letras, mas também nas artes; que deviam ser os únicos modelos dignos do artista e do literato, a arquitetura cristã, consagrada pelo uso de quinze séculos, ilustrada por inumeráveis obras-primas, foi logo tratada de bárbara e banida das cidades cristãs. Para que não restasse vestígio das suas obras, viram-se os arquitetos, ou antes, os vândalos dessa época insensata, transportados da cega fúria que impelira os bárbaros dos séculos V e VI a derrubar os templos obscenos do paganismo, esforçar-se por destruir os piedosos, os veneráveis santuários das idades cristãs.

Foi assim que, para citar um só exemplo, a antiquíssima e veneranda basílica de São Pedro no Vaticano, incomparável monumento não somente da religião da Europa inteira, da piedade dos fiéis, da munificência dos papas e dos reis, mas ainda, no juízo do próprio Bramante, verdadeiro museu e obra-prima única da arte cristã, foi impiedosamente derrubada de alto a baixo para dar lugar ao edifício greco-romano que a Renascença lhe substituiu. Nem os gritos nem as cóleras desse grande artista puderam deter o martelo demolidor.

O mesmo vandalismo estendeu por toda parte os seus estragos. Quem contará as antigas igrejas, as capelas, as torres, os túmulos ou completamente destruídos, ou sepultados nas entranhas da terra, ou desfigurados por indignas mutilações, ou por acréscimos mais indignos ainda, para que a Europa inteira não contasse mais nenhum edifício, antigo ou moderno, que não fosse no estilo grego e marcado com o cunho do paganismo? Mais ainda, na Idade Média, a própria arquitetura civil tomara um caráter religioso e produzira soberbos edifícios, como ainda se pode ver em Veneza em particular e em algumas cidades da França, da Bélgica e da Inglaterra. Ora, o século XVI empreendeu renovar ou restaurar até as igrejas no estilo pagão. O fanatismo chegou a tal grau que, sem a viva oposição da autoridade eclesiástica, os antigos monumentos cristãos que haviam escapado à fúria dos bárbaros teriam caído sob os golpes dos próprios cristãos.

Essa oposição, que, cumpre confessá-lo, nem sempre durou, esteve longe de salvar todos os nossos edifícios.

> *Durante os séculos XVII e XVIII, o entusiasmo por um estilo de arquitetura recentemente adotado era tal que o sistema de restauração aplicado aos nossos antigos edifícios religiosos foi para eles uma desgraça, não somente do ponto de vista da arte, mas ainda quanto à sua solidez. Foram tratados em desafio ao princípio da sua construção; censurava-se-lhes não estarem em harmonia com o que então se considerava o belo em arquitetura, e eram torturados para submetê-los ao gosto do dia.*[3]

Deve-se espantar de tantos atos de vandalismo que hoje nos fazem gemer? Deve-se até espantar que o divórcio da arquitetura com a religião se tenha mantido até os nossos dias com uma espécie de boa-fé e em meio a um concerto de louvores que serão um dos maiores espantos do futuro? Deve-se, enfim, espantar da aberração a que arrastou o espírito público, quando se ouvem os homens mais distintos pela inteligência e pelo bom gosto avançar como duplo axioma que a arquitetura pagã é o tipo do belo e a arquitetura cristã o tipo do feio?

Depois de citar um elogio pomposo do novo templo de São Pedro no Vaticano: onde a curiosidade mais ávida e mais inteligente encontra com que satisfazer-se, onde os artistas de todo gênero, os mais críticos e mais hábeis, vêm admirar e instruir-se: Feller termina assim o seu artigo sobre Júlio II:

> *Encorajou a pintura, a escultura, a arquitetura; e no seu tempo as belas-artes começaram a sair dos escombros da barbárie gótica.*

Eis aí outra autoridade. Falando da arquitetura cristã, Fénelon exprime-se nestes termos:

> *Os inventores da arquitetura que se chama gótica, e que é, diz-se, a dos árabes, julgaram sem dúvida ter superado os arquitetos gregos. Um edifício grego não tem nenhum ornamento que sirva só para ornar a obra; as peças necessárias para sustentá-lo ou pô-lo a coberto, como as colunas e a cornija, são voltadas apenas em graça pelas suas proporções: tudo é simples, tudo é medido, tudo é limitado ao uso: não se veem nem ousadia nem capricho que se imponha aos olhos; as proporções são tão justas que nada parece muito grande, embora tudo o seja; tudo é limitado a contentar a verdadeira razão. Ao contrário, a arquitetura gótica ergue, sobre pilares muito delgados, uma abóbada imensa que sobe até as nuvens; crê-se que tudo vai cair, mas tudo dura por muitos séculos; tudo está cheio de janelas, de rosáceas e de pontas; a pedra parece recortada como papelão; tudo é vazado, tudo está no ar. Não é natural que os primeiros arquitetos góticos se tenham lisonjeado de haver superado, pelo seu vão requinte, a simplicidade grega? Mudai apenas os nomes, ponde os poetas e os oradores no lugar dos arquitetos: Lucano devia naturalmente crer que era maior que Virgílio; Sêneca, o trágico, podia imaginar que brilhava muito mais que Sófocles; Tasso pôde esperar deixar atrás de si Virgílio e Homero. Esses autores se teriam enganado pensando assim.*[4]

Ouvis; tudo o que a arte cristã jamais produziu de mais perfeito não passa de obra de mau gosto, que não pode sustentar a comparação com as obras do paganismo. Arquitetos e poetas cristãos não estão para os pagãos senão como Lucano está para Virgílio, Sêneca para Sófocles!

Resumindo tudo o que precede e aplicando à arquitetura e à escultura as reflexões que fizemos sobre a pintura, dizemos que, tudo examinado a sangue-frio e sem paixão, a Renascença não foi outra coisa que a ressurreição do paganismo na arte tanto quanto nas letras, e a destruição do cristianismo na arte tanto quanto nas letras; a desforra do sensualismo pagão vencido outrora pelo espiritualismo cristão; um imenso passo para trás e não um imenso progresso; uma fonte de erros e de vergonha para a Europa e não um princípio de luz e de glória. Tais são as grandes vantagens que colhemos, que colhemos ainda do paganismo clássico. Há outras, que vamos dar a conhecer nos capítulos seguintes.

Notas

[1] *Ecce alto terræ e tumulo*, etc. [Eis que do alto túmulo da terra...]

[2] Audin, *Vie de Luther* [Vida de Lutero]; Winckelmann, *Hist. de l'art* [História da arte].

[3] Relatório apresentado ao Sr. ministro dos cultos sobre a situação dos edifícios religiosos; pelo Sr. de Contencin, diretor da administração dos cultos. Janeiro de 1851.

[4] *Lettre sur l'éloq.* [Carta sobre a eloquência], no fim.

Revision #1
Created 22 November 2026 17:19:31 by Admin
Updated 22 November 2026 17:19:31 by Admin